

TELE-ESPETÁCULO E FUTEBOL: DESCOMPASSOS NO SISTEMA DISCURSIVO E ÉTICO

Fernando Gonçalves Bitencourt

Doutorando em Antropologia Social – PPGAS/UFSC

Prof. do Centro Federal de Educação Tecnológica de SC/ Unidade de São José

RESUMO

Este texto discute a apropriação, pela mídia, dos elementos da cultura. Argumento que há um hiato entre o sistema moral no futebol e o discurso ético dos especialistas da mídia, que tendem, baseados na regra do jogo e em uma moral calcada num habitus, a vociferar contra as atitudes antidesportivas em nome do espetáculo. O tele-espetáculo produz um universo próprio transformando o objeto tomado ao real em outra realidade. Pode-se inferir que entre as qualidades intrínsecas do fenômeno e os efeitos retóricos da mídia há um gap. Como ironia, a violência retorna sob a mesma lógica, a do espetáculo.

ABSTRACT

This text discuss the appropriation by the media of culture elements. I argue that there is a gap beyond moral system and ethical speech from media specialists, who have the tendency to, using gaming rules and a moral based on habit, speak angrily against bad sporting behaviour in the name of the spetacle. A watching-spetacle produces its own universe transforming a real object into another reality. We can admit that beyond the inner qualities of the phenomenon and oratory effects there is a gap. As an irony, violence returns under the same logical structure, there is to say, the one of the spetacle.

RESUMEN

Este artículo discute la apropiación, por la mídia, de los elementos de la cultura. Pondero que hay una diferencia teórica entre el sistema moral en el fútbol y el discurso etico de los conocedores de los medios, que se dirigen, con basis en reglas del juego e en una moral sostenida en un habitus, a desconsiderar las actitudes antideportivas bajo el nombre del espetáculo. El espetaculo televisionado produce un universo propio transformando el objeto real en otra realidad. Es posible afirmar que entre las calidades naturales del fenómeno y los efectos de retorica de los medios hay una diferencia. Como ironía, la violencia vuelve bajo la misma logica, la del espetaculo.

1. ABERTURA

Por motivos diversos, o sistema esportivo tornou-se um dos mais importantes objetos da indústria cultural. Reconhecidamente, afora os grandes eventos que envolvem mais de um esporte, tal como as Olimpíadas, o futebol é o principal produto veiculado. A quantidade de jogos transmitidos atualmente, envolvendo equipes de várias partes do país e dos principais campeonatos do mundo, é um fenômeno singular que tem merecido atenção de estudiosos do esporte e da mídia.

Apoiado na tese de que o tele-espetáculo produz um universo próprio, traduzido em sua linguagem peculiar e em seus interesses específicos – que vão da apologia do espetacular ao acúmulo de capital – e que transforma o objeto fenomênico tomado ao real em uma outra realidade, pode-se inferir que entre as qualidades intrínsecas do fenômeno espetacularizado e os efeitos retóricos dos meios de comunicação pode haver um *gap* importante. É neste hiato que este texto pretende trabalhar. Ao discutir dois sistemas éticos

diferentes, que produzem um debate inesgotável sobre o que é moralmente aceito em um determinado espaço de ação (prático-simbólico), problematizarei a apropriação pelos meios de comunicação dos objetos da cultura.

Como pretendo demonstrar, existe um sistema ético muito particular entre jogadores de futebol que proíbe a diminuição moral (ou a humilhação) do adversário – ou dos companheiros – através do que se pode chamar de uma violência simbólica, que se daria através do excesso de dribles e trocas de passes sem o objetivo explícito de tentar o gol. Não sem rigor, este fato resulta em ameaças de violência ou nas “vias de fato”. De modo geral, reconhecendo o direito legal estabelecido pela regra do jogo, “especialistas juramentados” (jornalistas esportivos?) tendem a vociferar contra a atitude antidesportiva de quem se sente desrespeitado, tomando como fundamento o princípio do espetáculo.

Estes dois sistemas morais entram em choque, pois que o espetáculo de um imprime no outro a marca da humilhação e, o sistema moral deste inibe, ou diminui, as margens de um espetáculo que se quer alegórico e lúdico. Entretanto, deste encontro, talvez como pilhéria, se ergue um outro espetáculo, por vezes mais espetacular do que o drible desconcertante ou o olé cantado pelos torcedores, a saber, o espetáculo da violência. Mostrada e repetida tantas vezes quantas forem necessárias, até que se esgotem os fatos – sempre que novos fatos os substituam – reenvia aos próprios meios de comunicação o problema do qual estes tratavam com superioridade e distância e exigiam seu fim.

2. O FUTEBOL E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO (DE MASSA)

Como os velhos locutores de circo, narradores esportivos, apresentadores de programas do campo, especialistas no cotidiano futebolístico – oriundos, diga-se de passagem, mas assinalando a devida importância do fato, dos mais variados campos profissionais – anunciam “o maior espetáculo da terra”: o espetáculo do futebol. O discurso oficial sobre o esporte nos meios de comunicação, também no caso particular do futebol, é o de que este é um bem da humanidade, uma conquista da civilização, uma forma de educar as crianças e quem sabe, salvar a sociedade. Entretanto, é como fenômeno cultural e identitário brasileiro e, sem dúvida, como espetáculo que se o toma em geral.

Como o futebol se tornou este evento midiático fantástico há controvérsias – talvez haja mais comunhão quando se trata de argumentar em como ele se tornou um produto lucrativo – mas que não é possível pensar o sistema esportivo fora deste campo parece certo. O círculo vicioso da Indústria Cultural fez do esporte um dos seus mais importantes objetos. Um objeto que, por sua ambigüidade, articula-se de maneira ímpar ao conjunto ternário que estrutura os meios de comunicação de massa em sua forma de se apresentar, a saber: jornalismo, entretenimento e publicidade.

Como não se trata de fazer história, tampouco genealogia, reconhecida a articulação interna entre esporte e mídia – já há muito, futebol e rádio – é fato também que o futebol tornou-se o mais importante esporte globalizado. Recortado por inúmeros saberes, místicas, sensações e fantasias é, o esporte bretão (brasileiro?), um dos mais bem acabados produtos do sistema televisivo: o que ocupa mais tempo, incorpora um maior número de especialistas e, por conseguinte, alavanca uma maior quantidade de capital.

No discurso interminável sobre o futebol, uma falação sobre falação que Eco (1984) já bem identificou, a série de especialistas é chamada a opinar (interpretar, analisar, discutir, refletir...?) sobre os fatos considerados importantes do cenário nacional e internacional futebolístico. A vitória merecida, a derrota cruel, o pênalti não marcado, o impedimento bem apontado e o gol mal anulado preenchem os espaços dos programas especializados, telejornais, revistas eletrônicas e programas de variedades. A obsessão com a qual os temas são tratados apenas tornam recorrentes eventos que nosso ciclo histórico

estrutura e não consegue apagar. Tudo exatamente igual, porém novo. Talvez a realização do “presente perpétuo” de Jameson (1997).

Um dos temas recorrentes no discurso midiático é a violência. Esta é carregada sobremaneira de pressupostos éticos e princípios morais que, sem força de dúvida, estão ligados ao *habitus* de uma certa “camada média” – acompanhando Bourdieu (1982) – que, atada a uma estrutura invisível de reprodução social, acaba por compor os quadros universitários (do jornalismo) e alcança os espaços sociais específicos no campo. É deste modo que os sistemas de violência que se imiscuem ou gravitam em torno do futebol são interpretados a partir de uma sensibilidade específica, bastante a partir das poltronas confortáveis das salas envidraçadas dos programas especializados¹.

Dentre os aspectos mais intrigantes, que sugerem intervenções em diferentes sentidos, procurando, em sua generalidade, um discurso moralizante contra a violência, em nome das regras (da lei) e do espetáculo, está o uso da violência por parte de jogadores ou equipes que se sentiram moralmente desrespeitados por uma atitude jocosa (ou tomada como jocosa) por parte do adversário. Os exemplos são inúmeros. No futebol, que mais nos interessa, são recorrentes e, por seu caráter espetacular, midiáticos. Acompanhem alguns casos:

- a. Em 1999, na final do Campeonato Paulista, o Corinthians, após vencer o primeiro jogo da decisão contra o Palmeiras por 3X0, chegava em grande vantagem para o segundo encontro. Aos trinta e um minutos do segundo tempo, quando ao Palmeiras se tornara praticamente impossível reverter o placar e sagrar-se campeão, o jogador Edílson, do Corinthians, dominou a bola diante do banco de reservas do seu time, fez algumas embaixadas, jogou a bola para cima e dominou-a com a nuca. Antes mesmo de a bola chegar ao chão, o lateral Júnior partiu em direção do adversário com nítida intenção de agredi-lo, seguido de Paulo Nunes e Zinho. Edílson conseguiu se desvencilhar e revidar, acertando um pontapé em Paulo Nunes. Neste ponto, quase todos os jogadores em campo, e muitos reservas, provocaram um conflito que há muito não se via no futebol.
- b. Em caso mais recente, também ocorrido em São Paulo, o tricolor paulista venceu o Corinthians por 3x0 quando o jogador Leandro (do São Paulo) após realizar alguns dribles sobre os adversários, e em especial sobre o volante Magrão, sofreu uma falta violenta, que, se considerada a rigor, mais do que uma falta de jogo foi uma agressão.
- c. Por fim, numa perspectiva um pouco mais genérica, os gritos de “olé” provenientes das arquibancadas investem à partida um potencial de violência que apenas o “bom senso” dos jogadores pode dirimir, aliviando a tensão que o esforço por humilhar o adversário impõe.

O que interessa neste instante, menos do que tentar elucidar questões morais ou desportivas destes eventos, é tentar apresentar o discurso da mídia em torno de estas questões. Mesmo reconhecendo que este não é unívoco e que diferentes pontos de vistas surgem nestes debates, três aspectos gerais podem ser observados como recorrentes, a saber: o apelo legalista, a retórica moralista e o princípio do espetáculo. Como minhas observações sobre o campo deste ensaio estão focadas mais na prática cotidiana dos jogadores de futebol, os dados interpretativos sobre o discurso da mídia partem de observações gerais, mas não menos rigorosas, pois que associadas ao acompanhamento quase diário dos programas esportivos, tanto nas TVs abertas quanto fechadas.

¹ Para uma discussão sobre violência no futebol e mídia ver os trabalhos de Mauro Betti (nas referências).

Considerando o primeiro dos aspectos, qual seja, o apelo legalista, a trama discursiva reclama que, a qualquer jogador é dado o direito de, amparado pelas próprias regras do jogo, permanecer com a posse de bola e executar quantos dribles quiser e da forma e com os objetivos que lhe convierem. Do mesmo modo, a despeito dos gritos de “olé”, uma equipe pode trocar passes indefinidamente, com o objetivo de apenas permanecer com a posse de bola, incluindo na manutenção da posse as jogadas de efeito, os toques sutis e arriscados, etc.

Cabe notar que, sob o apelo do legalismo, recai o fato de que as infrações previstas nas regras e nos códigos disciplinares acabam, mesmo que como uma negatividade, por fazer parte da regra, pois que estão discriminadas e têm suas sanções devidamente caracterizadas. Não bastasse, há em campo o árbitro, que julga e aplica as penalidades e punições pertinentes.

A retórica moralista, um pouco mais complexa do que a anterior, ainda que se ampare nos princípios “democráticos” do cumprimento de regras, rechaça a violência como princípio ou modo de estabelecer relações, em nosso caso, no espaço social esportivo. Amparados pela idéia do *fair play*, no discurso de que o esporte é bom e belo, além de ser um vetor de educação e formação de cidadãos, julga-se moralmente inaceitável o uso agressivo do corpo nas circunstâncias em que estamos narrando.

A questão da violência, entretanto, ainda que algumas vozes reclamem o fato de que há uma “violência simbólica” no fato de se humilhar o adversário, é uma área escorregadia, na medida em que xingamentos (desde que não sejam racistas) são aceitáveis e “fazem parte do jogo”. Ademais, mesmo reconhecida a “violência simbólica” tomada acima, o princípio legalista acaba por se impor no discurso e associado ao moralismo sobre as violências corporais tendem a ver como imperdoável as condutas violentas daqueles que se insurgem contra a própria humilhação.

Por fim, o princípio do espetáculo completa, para este texto, o triângulo sob o qual os debates em torno dos quais violências decorrentes de “excessos de dribles e olés” são provenientes. Tomando por base que o drible e os “olés” fazem parte do jogo, pois são legais, e que a violência é moralmente inaceitável, o que se defende, em última instância, é o espetáculo. Este espetáculo é o espetáculo do futebol bem jogado, com lances fantásticos, dribles desconcertantes, gols em muitos números e belos, esquemas táticos bem organizados, técnica apurada e, poucas faltas.

O espetáculo do futebol, do ponto de vista de quem o produz midiaticamente, envolveria, por certo, o canto das torcidas, a vibração das equipes e a tensão controlada na intensidade certa. Entretanto, com um roteiro não encenado, e visto que aos meios de comunicação inclusive a morte é espetacular, imiscue-m-se como penetras em uma festa as inúmeras faces da violência, tão espetacular quanto a bola a correr.

Os aspectos que relacionei como centrais no discurso da mídia contra o uso da violência em casos de “violência simbólica” perpetradas pelo “abuso” dos dribles e “olés”, parecem fruto de um olhar que se postula como especialista, mas cujo *habitus* não permite perceber que existem éticas diferentes daquelas que os próprios “jornalistas esportivos” vivem e/ou conseguem (ou querem) enxergar.

3. FUTEBOL: MASCULINIDADE, DOR E HONRA

Para discutir a questão da honra e do sistema ético que a sustenta trabalharei com dois dados etnográficos observados – e depois devidamente confirmados através de conversa com os protagonistas – durante minha pesquisa de campo no Centro de Treinamento Alfredo Gotardi (CT do Caju), pertencente ao Clube Atlético Paranaense, realizado entre os anos de 2006 e 2007.

A formação do “Atleta de Futebol” envolve um complexo cultural, técnico e científico que faz com que estes incorporem sistemas de disposições duráveis – *habitus* – fundamentais para o exercício de sua formação. Dentre os diferentes aspectos cabe destacar dois deles. O primeiro, uma hipertrofia da masculinidade durante o trabalho através do que se pode denominar um embrutecimento do corpo. O segundo, associado a este, um sistema de honra que se funda no respeito às capacidades atléticas e futebolísticas dos companheiros de profissão.

O sistema de honra entre os atletas que treinam no CT é bastante complexo e está, evidentemente, relacionado ao sistema geral de honra e hierarquia do futebol. Do mesmo modo que as chuteiras funcionam como marcadores hierárquicos, pois, nos códigos implícitos, não é autorizado a qualquer jogador usar qualquer tipo de chuteira, sendo preciso estar de acordo com sua posição na hierarquia coletiva quando se trata desta indumentária/ferramenta de trabalho, questões muito sutis também compõem o sistema de honra, estreitamente ligado às hierarquias.

Como já mencionei anteriormente, o problema de que trato atravessa a conduta esportiva entre adversários e reclama uma interpretação menos ligada ao jogo, mas sim à conduta legítima quando se trata de companheiros de profissão. Irei aos fatos para, em seguida, argumentar aspectos que penso relevantes. Dois dados etnográficos:

- a. Certa manhã, após a primeira parte de um treino técnico, os juvenis (atletas de 15 e 16 anos) faziam um trabalho de dois toques cujo objetivo era apenas manter a posse de bola. A certa altura, após uma das equipes envolver a adversária por um tempo já considerado longo (tempo este subjetivo, que apenas é sentido em virtude da experiência coletiva) passou a tocar a bola com facilidade e ligeira displicência. Aos poucos as “entradas” (tentativas de tomar a posse de bola) se tornaram mais duras e violentas, exigindo a interferência do treinador. Em princípio achei que era pelo fato de uma das equipes ter conseguido um domínio, pelo menos naquele instante, que pôs os adversários em irritação por não conseguirem tomar a bola. Mais tarde, conversando com alguns meninos, fiquei sabendo que o problema estava na maneira como o domínio foi exercido. É inadmissível, durante o toque de bola, virar o rosto para um lado e passar para o outro (estilo Ronaldinho Gaúcho) ou usar toques muito sutis e debochados. Comportamentos como estes envolvem o próprio treinamento no sistema no qual a honra é recuperada (lavada) através da violência.
- b. Um caso semelhante, mas que não levou a violência – talvez pela experiência do jogador que levou os dribles, ou porque este ainda não estivesse totalmente integrado ao elenco – foi num treino dos profissionais, quando um atleta, durante um treino no qual as faixas laterais do gramado eram usadas para se aprimorar as ultrapassagens, deu uma seqüência de lençóis em um zagueiro. Ao final da jogada, o executor pediu desculpas pelo ocorrido. O zagueiro em questão, apesar de já não estar na primeira linha dos jogadores de futebol no Brasil, chegou a jogar na seleção, enquanto seu companheiro ainda dá os primeiros passos na carreira profissional.

Estes dois eventos que acabo de narrar são configurações constitutivas da formação do jogador de futebol. Afora a roda de bobinhos e alguns treinos recreativos (o que já denota a possibilidade da atitude jocosa), todo o processo de treinamento exige a seriedade do trabalho e o respeito ao companheiro. Na organização do treinamento, destaco agora dois aspectos relevantes para esta discussão.

- **A apreensão diferenciada da dor (Masculinidade: corpo guerreiro)**

Um componente intrínseco ao treinamento e constitutivo do futebol e que me parece relevante é a dor. É amplamente divulgado que a dor faz parte da vida do atleta. (Isto o sei por experiência própria, inclusive). Toda atividade física gera subprodutos não eliminados pelo corpo que, dependendo da intensidade, pode acumular-se entre as fibras musculares na forma de ácido láctico causando uma dor singular. Por outro lado, os impactos decorrentes do jogo de futebol geram lesões de diferentes graus que podem ser desprezadas ou exigir tratamento. Mas a dor não é apenas isso. Ela comporta muito mais.

A dor tem um papel social. Como fato da natureza é inquestionável (talvez ponto singular de hiato entre humanos e máquinas), mas como fato da cultura é contextual. Tem caráter espaço-temporal e é aprendida na particularidade da vida coletiva. Há uma fisiologia da dor, que se esvazia ao reduzir-se há uma exclusiva biologização. Ao mesmo tempo, há modificações no sistema de fisiologia da dor decorrentes das experiências vividas pelos agentes.

O debate natureza/cultura encontra no fenômeno da dor um sistema complexo de interações. Segundo Guerci & Consiglieri (1999) o geneticista Lewontin entende que o indivíduo é o resultado histórico das relações complexas entre um genótipo e o ambiente, sendo a dor também fruto desta. Uma questão singular, entretanto, é o fato de que existe uma série de substâncias químicas atuando no cérebro quando da sensação da dor. Várias delas com efeito analgésico. Sabe-se, ainda, que “a repetição de estímulos dolorosos pouco intensos facilita a emissão de morfinais cerebrais mais do que um único estímulo muito intenso”.

Os atletas de futebol são sujeitados cotidianamente a uma série de estímulos dolorosos – leves, moderados ou intensos – que podem (devem) influenciar na capacidade de resistir aos impactos sobre o corpo decorrentes dos treinos e jogos, contribuindo na formação do “caráter guerreiro”. Observando os treinamentos, pude perceber que a intensidade dos contatos físicos é realmente grande. É provável que se em uma “pelada” de fim de semana se chegasse às intensidades dos treinos de garotos de 16 anos teríamos uma grande quantidade de lesões, além do risco de o jogo terminar em pancadaria.

Por outro lado, como a dor entra num complexo de símbolos pelos quais os atletas se comunicam entre si e com os demais agentes do campo esportivo (comissão técnica), podem ser usadas para agenciar posições e interesses na estrutura esportiva. Suportar a dor, manipula-la, controla-la, admita-la ou forja-la são recursos através dos quais uma lógica do corpo se engendra no sistema esportivo. De modo geral, os atletas toleram muito bem a dor e o contato físico (desde que seja considerado leal) e suportam muito pouco a jocosidade e a pilhéria.

No limite, o que se tem é uma estrutura organizada por homens que infundem, desde muito cedo, os atributos “naturalizados” por nós da masculinidade: suportar a dor, revidar em caso de violência, vencer o adversário. Forja-se, em certa medida, o caráter guerreiro, que não por coincidência, alimenta-se nas inúmeras metáforas e metonímias que a guerra oferece ao esporte.

- **A ética cavalheiresca (corpo nobre)**

Mas não é apenas desta incorporação da dor e da violência que se forja o atleta profissional de futebol. Há mais. Há, por mais complexo que possa parecer, uma formação que a primeira vista se insurge como paradoxal, mas que pensada sob termos específicos, carrega uma lógica significativa, a saber, a formação de um sujeito nobre.

Thomas Mann, em *A Montanha Mágica*, lembra que a nobreza não é transmitida pela riqueza ou pela inteligência, mas pelo sangue, pelo corpo. É este corpo que exige um comportamento digno dos colegas de profissão, cuja honra e nobreza está no respeito aos traços característicos da função exercida. A nobreza de que trato, não é aquela afetada das

cortes, mas a dos cavaleiros, que ao respeitar em igualdade e dignidade o outro, ainda assim podia se lançar a luta, a violência, a guerra.

Guardados os limites das comparações, mas com este espírito iluminando estas idéias, esperam os jogadores de futebol, seja durante os treinamentos, com seus parceiros, seja durante os jogos, contra os adversários, a conduta firme e honrada de quem, ao não temer a dor, nem a violência, se porta com elegância e respeita os princípios éticos dos códigos implícitos da profissão, mesmo que a revelia da lei, da moral mais ampla ou do espetáculo.

Ao contrário do que possa parecer e que de modo geral tornou-se senso comum sobre jogadores de futebol, a saber, a idéia de que são malandros, indisciplinados e pouco respeitosos com as pessoas em geral e os companheiros de profissão em particular, há um comprometimento coletivo – mesmo que na hora do jogo jogadas desleais se desenrolem – com o outro, um código de honra que, se não está escrito não é também demasiado sutil, regula a conduta na relação entre os pares na lógica futebolística.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há, como tentei demonstrar, um descompasso entre o discurso ético proferido pelos meios de comunicação de massa e o universo ético entre jogadores de futebol. A ética requisitada pelos meios de comunicação para a espetacularização do esporte não combina com a ética dos homens que jogam. Para além das leis e do sistema moral que expulsa o conflito e a violência do social, e principalmente do esporte, em nome do espetáculo, há um sistema de honra que codifica relações sociais em contextos específicos, causando este hiato entre a falação e a prática.

é preciso atentar que neste sistema, a jogada dura – não desleal – o contato físico e uso da força são mais tolerados do que as fintas e o deboches em demasia.

Deste modo, é preciso notar que “humilhar” adversários, colegas de trabalho e mesmo de clube é conduta inaceitável, pois os valores do “*fair play*” para jogadores de futebol inclui o jogar com seriedade. Penso também, e me parece que os próprios jogadores reconhecem, que, ainda que se destaquem alguns atletas excepcionais, qualquer futebolista profissional poderia executar jogadas que humilhariam um adversário. Não o fazem por vários motivos: pela posição que ocupam no espaço futebolístico, pela posição que ocupam no campo de jogo e porque, fundamentalmente, isto fere o código de ética estabelecido entre pares, pois provoca uma crise no sistema de honra, que encontra a reparação num equivalente legítimo, a violência.

Ademais, ainda que este ponto merecesse maior atenção, o esporte, e o futebol em particular, não tem um fim em si mesmo. Nele estão postos em jogo também nosso modo de ver o mundo e nossas relações sociais. Participamos de jogos de identidades, em nosso caso as profissionais. Aliás, todos o fazem. Na última Copa do Mundo, Zidane, um Francês-Argelino-Cabila deu uma cabeçada no Italiano Materazzi. O Italiano havia feito uma falta comum ao jogo de futebol, uma atitude anti-desportiva, puxou a camisa do Francês. Este, devolveu com uma atitude anti-ética para o futebol: ofereceu a camisa a Materazzi. Como bom Italiano, e jogador de futebol ofendido pela soberba francesa, Materazzi botou a família em campo. Para um nascido na Cabila, a família é sagrada. Zidane desferiu, então, uma cabeçada. Um golpe comum, praticado desde a juventude por argelinos, marroquinos e outros moradores da periferia parisiense quando em conflito. Moral da história: os italianos são indecentes, mas os franceses da nação civilizada são uns bárbaros – já os Cabila lutaram em legítima defesa da honra².

² Esta interpretação que ofereço do caso Zidane tem, por um lado, um caráter jocoso, pois lida com estereótipos identitários, por outro, mesmo que não tenha sido assim o caso, é sempre uma interpretação possível, o que coloca à este texto o problema que com ele levanto.

Ao encerrar com este enredo tragicômico da copa de 2006, ressalto apenas que os sistemas de honra e éticos entram em conflito e geram distorções e interpretações pouco rigorosas em contextos tão próximos a nós que não chegamos a perceber. Os meios de comunicação de massa, construídos no espírito da universalidade, arrogam-se ao direito de tecer falasões sobre falasões de aspectos cotidianos da vida humana. Como um pássaro, que sobrevoa o campo e conta e opina sobre tudo e todos, sem jamais pousar para imiscuir-se no mundo vivido dos agentes sociais.

Como pilhéria, os “intermediários especializados” que julgam e punem moralmente a violência resultante do desrespeito profissional e da honra, são os mesmos que a espetacularizam na edição de seus programas, em seus comentários repetidos de frases feitas e repertório vago. Expulsar a violência do esporte, discurso oficial quando se trata de moralizar o mundo, encontra a resistência na própria estrutura esportiva por um lado e na sociedade do espetáculo, do outro. Na lógica midiática chutar a bola ou o adversário tem o mesmo valor relativo: vai ao ar o que for mais espetacular.

5. REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. *Violência em campo; dinheiro, mídia e transgressão às regras no esporte-espetáculo*. Ijuí: Unijuí, 1997.

_____. *A televisão e a guerra do Pacaembu; povão versus cidadãos*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 220-225, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *O Poder Simbólico*. – 2. Ed. – Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 1998.

ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GUERCI, Antonio & CONSIGLIERI, Stefania. *Por uma Antropologia da Dor: nota preliminar*. *Ilha: revista de Antropologia*. Florianópolis, vol. 1, no. 0, outubro de 1999.

JAMESON, Fredric. *As Sementes do Tempo*. São Paulo: Ática, 1997.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Org. da Coletânea: Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1983.

End. Rua São Cristóvão, 697. Bairro Coqueiros – Florianópolis (SC)
CEP – 8808-320
Fone: (48) 9112-1797
E-mail: ferbit@sj.cefetsc.edu.br